

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

RELAÇÕES DE TEIXEIRA DE PASCOAES COM ESCRITORES E INTELLECTUAIS GALEGOS.

ESTRAVITZ, Isaac Alonso

Ano: 2002 | Número: 112

Como citar este documento:

ESTRAVITZ, Isaac Alonso, Relações de Teixeira de Pascoaes com escritores e intelectuais galegos. *Revista de Guimarães*, 112 Jan.-Dez. 2002, p. 359-383.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

RELAÇÕES DE TEIXEIRA DE PASCOAES COM ESCRITORES E INTELLECTUAIS GALEGOS

Isaac Alonso Estraviz¹

0.0. Introdução

0.1. É muito o que se tem falado do relacionamento de Rodrigues Lapa com o mundo cultural galego. É certo que são muitos os galegos que passaram por Anadia - santuário da galegidade - para ver e falar com o Mestre. Rodrigues Lapa percorreu as terras galegas com amor e carinho várias vezes, quando ainda era joven e quando já era maior.

0.2. Também se tem falado, ainda que muito pouco, do relacionamento dos galegos com Teixeira de Pascoaes. Cita-se sobretudo o influxo que exerceu em Noriega Varela num momento da sua vida. Mas nunca se falou da amplitude e eficácia desse relacionamento com Teixeira e o influxo enorme que exerceu no mundo cultural galego dos anos vinte. Eu mesmo tinha uma ideia bastante vaga do autor de *Marânus* até um pouco antes de começar a colaborar com Eloísa Álvarez na edição do seu *Epistolário*. É que, em realidade, Teixeira de Pascoaes foi uma estrela luminosa da literatura do mundo peninsular que eclipsou com a guerra do 36 e

¹ Universidade de Vigo.

que, mudando os tempos e as ideias, ficou postergado por grande parte da intelectualidade portuguesa. Só no mundo dos Padres Jesuitas continuou a ser estimado e reconhecido na medida que o merece. Felizmente, hoje em dia está-se a recuperar, ainda que muito lentamente, o lugar que se merece na cultura luso-galaica.

1.0. Teixeira de Pascoaes

1.1. Teixeira de Pascoaes é o nome literário de Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos (Amarante, 2.11.1877, + Gatão, Amarante, 14.12.1952), que viveu quase sempre nas terras idílicas do solar de Pascoaes, nas imediações de Amarante, nas abas do Marão, que vai dar lugar ao magnífico poema *Marânus*.

1.2. Aos 18 anos, publica a primeira colectânea de verbos *Embriões*. Em 1896, matricula-se na Faculdade de Direito em Coimbra. Bacharelou-se em 1901. Em Amarante, começa a exercer a advocacia em 1901 e, em 1906, no Porto. Trava amizade muito grande com Leonardo Coimbra, quem o denominará sempre de Mestre. Em 1911, é juiz substituto em Amarante, abandonando a carreira judicial em 1913.

1.3. De 1912 a 1916, tem a seu cargo a direcção literária da revista *A Águia*, Órgão do movimento cultural Renascença Portuguesa, que pretendia «restituir Portugal à consciência dos seus valores espirituais próprios». Em 12.4.1923, é eleito para a Academia das Ciências de Lisboa. A 31.3.1951, é-lhe prestada uma sentida homenagem em Amarante e, a 12.5.1951, pela Academia de Coimbra. Foi o escritor português de maior prestígio fora de Portugal. As suas obras eram comentadas na Catalunha, Espanha, Argentina, França, e de um jeito especial, na Galiza. A sua paixão pela Galiza foi uma obsessão que ficou plasmada em magníficos versos.

1.4. Leonardo Coimbra, no magnífico prólogo à segunda edição de *Regresso ao Paraíso*, diz-nos que a Natureza «é saudade, lembrança, edénico amor à virgindade da misteriosa alma infantil»¹. E um bocado mais adiante insiste:

«O Poeta é um pagão e, à parte tigeiros estremecimentos precursores, o seu cristianismo é mais a aleluia vegetal da Páscoa pelos caminhos da sua aldeia que o acordar do amor nas profundezas da alma»².

Eis a definição que Leonardo Coimbra nos dá de Teixeira de Pascoaes:

«Pascoaes não é dado às ciências, nem ao raciocínio analítico; é, sob a inspiração, um vidente, um condensador de recordações, em descarga...»³.

1.5. Para nos dar conta da importância que Teixeira de Pascoaes tinha no mundo cultural galego e do seu grande influxo nos actos culturais que se levavam a cabo naquela altura, vejamos o que nos dizem no número 147 de *A Nosa Terra* de 1921:

«Liga-nos o sentimento da saudade, que ninguém, excepto portugueses e galegos, possui no mundo. Esse sentimento que Teixeira de Pascoaes, o irmão e o mestre, nó de aliança entre nós e a Lusitânia, a quem os nacionalistas galegos consideramos como o poeta genial que tem a alma vibrante, feita com almas das duas pátrias, estudou de modo maravilhoso e cantou com cantigas imortais»⁴.

2.0. Teixeira de Pascoaes na imprensa galega

2.1. Através da correspondência epistolar entre Teixeira e os galegos, fica clara a importância que teve na década de vinte. Cumpre salientar, antes de mais, que não sabemos ainda qual foi a

¹ Leonardo Coimbra, em *Teixeira de Pascoaes*, Vol. IV de Obras Completas, p. 12.

² *Ib.* p. 13.

³ *Ib.* p. 17.

⁴ *A Nosa Terra*, nº 147, 1921, p. 2, col. 1. Para facilitar a leitura e compreensão, todos os textos foram adaptados à norma portuguesa actual.

primeira carta dirigida pelos galegos a Teixeira de Pascoaes nem a deste àqueles. Tentámos várias vezes consultar o legado de Vicente Risco e, até à data, não nos foi possível, por falta de catalogação do seu expólio. A que aparece como primeira no *Epistolário*⁵, com data 18-XI-1918? com interrogante é, em realidade, do 5 ou 6 de Setembro de 1921, que deveria, portanto, ocupar o número 36. Na que aparece com o número 2, de 3-II-920 e que começa com «Moi admirado e querido Mestre», de Vicente Risco, este agradece-lhe o envio de um livro formosíssimo do qual não explicita o título, demonstra que dantes já tinha havido comunicação entre eles.

2.2. No número 1º da revista *Nós*⁶, Risco dedica a Teixeira de Pascoaes vários parágrafos de louvor e faz referência a cartas cujos textos não pudemos utilizar. Diz Risco:

«E nas suas cartas, feitas de luminosos pensamentos e cordialidade enternecida, diz a um seu amigo de aqui: ‘... A Galiza é irmã e mãe de Portugal. Portugal saiu dos seios da Galiza; depois abandonou a Mãe e foi por esses mares fora; fugiu como o filho pródigo. Mas é chegado o tempo do seu regresso ao lar materno. Temos de voltar a viver espiritualmente em comum. Assim o exige o destino das nossas Pátrias que ainda não está cumprido. Esse destino é, como disse muito bem, a criação da civilização atlântica...’».

Um bocado mais adiante acrescenta:

«Teixeira de Pascoaes é nosso, nosso, pelo sentimento, se nom fora como ele diz ‘no sangue e na alma’. E Teixeira de Pascoaes é o maior poeta da Ibéria. Bem nos podemos gabar ao proclamá-lo irmão galego, ao invocar o seu nome, já tão cheio de glória aquém e além das fronteiras da Lusitânia, tão cheio de significação para nós pela qualidade do seu pensamento e mais pela índole vaga e saudosa do seu estro sublime» (Ib.)

⁵ Eloísa Álvarez e Isaac Alonso Estraviz, *Os Intelectuais Galegos e Teixeira de Pascoaes. Epistolário*, Ediciós do Castro, Sada, Corunha, 1999.

⁶ Nós, Boletín Mensual da Cultura Galega, Ano 1, nº 1, Ourense, 30 de Outono de 1920, p. 18.

Como acabamos de ver, Teixeira de Pascoaes era já nessa altura muito conhecido na Galiza e com grande influxo na cultura galega.

2.3. O primeiro número da revista *Nós*, anteriormente mencionada, abre-se com o poema *Fala do Sol*, dedicado aos jovens poetas galegos, que é o primeiro que publica na imprensa galega e que abalou muito favoravelmente as consciências dos intelectuais galegos. Foi como uma espécie de eclosão luminosa. Cumpre também salientar que, desde o primeiro número (30-10-1920) até ao 18 (01-07-1923), Teixeira, junto com outros escritores portugueses, aparece sempre no quadro de colaboradores, deixando de aparecer a partir do número 19, onde se introduz uma nova estruturação. No nº 14, p. 8 de 1922, aparece *De Mim*; no 18, Maio de 1923, p. 22, *À Galiza*.

2.4. No número 137 de *A Nosa Terra*⁷, Antom Vilar Ponte faz uma recensão muito laudatória da segunda edição de *Marânus* e transcreve o primeiro poema do mesmo *Galiza, terra irmã de Portugal*. No número 141⁸, no apartado *Os nossos grandes Mestres*, publicam a famosa caricatura de Cebreiro a Teixeira de Pascoaes e dizem:

«É o mais alto representante do nacionalismo espiritualista da Ibéria; e também um dos mais geniais poetas contemporâneos. E é ainda o mestre de todos os intelectuais galegos moços e de toda a mocidade portuguesa de agora».

2.5. No número 143 (1-7-1921) publica em *A Nosa Terra*⁹ *Canção d'uma sombra*. E a partir de aí publica versos e prosa com uma certa regularidade. No número 144 da mesma revista, Antom

⁷ *A Nosa Terra*, nº 137 (31-03-1921), p. 5.

⁸ *A Nosa Terra*, nº 141, p. 6, col. 2.

⁹ *A Nosa Terra*, nº 143, p. 4. col. 1.

Vilar Ponte faz uma recensão de *Cantos indecisos* e diz novamente de Teixeira:

«O primeiro poeta ibérico, um dos primeiros líricos do mundo na hora actual, oferece-nos um novo livro de versos. Este livro é, singelamente, uma jóia. Nele há modernidade e inspiração. É suficiente tal volume para fazer o nome de um poeta».

2.6. Nessa mesma recensão, aparecem umas palavras de «Xenius» (Eugénio D'Ors) que o retratam perfeitamente:

«Não esqueceremos nunca, Teixeira de Pascoaes, que na primavera de 1918 vivemos umas semanas na tua companhia. Vieste a professar no noso Seminário Filosófico um curso sobre os poetas portugueses. Tivemos-te ao nosso lado, como padrinho de rumo, quando o baptizo da nossa primogénita Biblioteca Popular. Recitaste-nos as tuas elegias e as elegias do teus irmãos de raça. Um serão fizeste-nos chorar com as cantigas populares e com as de Frei Agostinho da Cruz. Outra tarde choraste tu, porque subias ao comboio, na abrasante pesadume do mês de São Iago».

2.7. No nº 146, publica Noriega Varela dous parágrafos da carta de Teixeira de Pascoaes dirigida a ele - que dantes publicara completa (suprimindo a referencia a Cabanilhas) - em *La Región* de Ourense. Em *A Nosa Terra*, no nº147, reproduz-se a caricatura que lhe fez Cebreiro a Teixeira e que já aparecera no nº 141. No nº 150, Outubro 1921, publica-se uma carta de Teixeira aos galegos, agradecendo o trato que lhe deram à Embaixada da Cultura à Corunha. No 159¹⁰, publica *O Bailado*, uma espécie de pensamentos filosóficos. O mesmo acontece no 160, p. 2; no 161, p. 3; no 166, p. 5, etc.

2.8. A sua colaboração na imprensa galega foi requerida em todo o momento. Além do que fica dito das revistas *Nós* e *A Nosa Terra*, publicou poemas ou escritos seus nos seguintes meios: *El*

¹⁰ *A Nosa Terra*, nº 159 (15-03-22), p. 6, col. 2.

Noroeste da Corunha, 1921; de *Galicia* de Vigo pedem-lhe muitas vezes colaborações, nomeadamente para números extraordinários, em 1927 em *La Nación* de Buenos Aires; em *El Pueblo Gallego* de Vigo, aparece como colaborador e publica várias vezes; em *El Ideal Gallego*, também lhe pedem colaborações; em *Alfar*, publica *Um Diálogo* no nº 30 Junho de 1923, p. 309; no nº 57, Outubro de 1925, p. 393, publica *Oitava a Cebreiro*; e a ele lhe dedicam grande parte do número 30 da mesma revista; em *Ronsel* nº 1, p. 4, *Canção Molhada*, nº 3, p. 6, *O Sol e a Candeia*, nº 6, p. 3, *Oração*. Fala-se dele e do livro da sua irmã Maria da Glória em *El Diário de Orense*; em *La Zarpa*, de 28-06-1923, publica-se um trabalho de Francisco Luís Bernárdez sobre o seu livro *Sempre*. Como diz César António Molina ao falar do contributo de Teixeira de Pascoaes em *Alfar*, «*Teixeira de Pascoaes, durante estos años era habitualísimo en todas las publicaciones gallegas*».

3.0. Galiza e Portugal na correspondência

3.1. A correspondência epistolar é a melhor maneira de descobrir os pensamentos e sentimentos da pessoa que as escreve. A espontaneidade, a naturalidade, são características deste género literário. Na carta do 3.II.1920, Risco reconhece que os escritos e cartas de Teixeira ajudaram aos galeguistas a descobrir o que escuramente se debatia nas suas almas. E diz-lhe abertamente:

«... num Além possível no que Portugal e Galiza seriam a mesma cousa... A arela nossa é de fazer de Portugal e da Galiza uma só pátria espiritual»¹¹.

¹¹ Eloísa Álvarez e Isaac Alonso Estraviz, *Os Intelectuais Galegos e Teixeira de Pascoaes. Epistolário*, Ediciós do Castro, Sada-Corunha, 1999, carta 2, p. 37. Para facilitar a leitura e compreensão, os textos foram adaptados à norma actual. Quem quiser, pode consultar os originais no livro mencionado.

3.2. Mais adiante, na de 1 de Junho de 1920, trata de justificar o trato que dá a Teixeira de Mestre, apesar de haver apenas sete anos de diferença de idade e afirma:

«... tenho o direito e o dever de vos chamar Mestre. Se Portugal regressa ao seu velho lar, eu penso que todo o movimento espiritual que hoje há na Galiza e que começa a ser grande, foi talvez provocado pelo presentimento desta nova juntaça, e creio que ainda que os galegos sigamos tendo a nossa capital política em Madrid podemos chegar a ter a nossa capital espiritual na terra irmã...»¹².

Risco vai mais adiante e diz:

«Então penso um novo imperialismo luso-galaico, celta do sul, espiritual esta vez, espalhando a nossa língua e mais a nossa cultura por todas as terras colonizadas pelos filhos de Portugal e da Galiza, fazendo ver às gentes o mundo de um jeito novo: na Saudade criadora»¹³.

Vicente Risco reconhece o poder que têm os escritos de Teixeira de Pascoaes:

«Os seus escritos vêm deitar luz no nosso mundo interior, a nos apresentar claro e nítido em todo o seu alcance infindo, o sentimento que latejava vaga, mas fortemente nas naturezas galegas da mais pura sensibilidade, como a nossa chorada e Santa Rosalia»¹⁴.

Na do 10 de Março de 1921, Risco volta sobre o tema:

«Lendo os seus livros - digo-lho com a maior singeleza e de coração, e de verdade - sinto-me ainda mais galego, ao perceber a unidade trascendente da alma dos dous povos do Minho (...) a esta Terra que já o tem por filho seu, pois por irmão o têm aqui as almas nas que ela vive, nas que alenta esta Terra triste e enfeitçada»¹⁵.

Na carta de 4 de Setembro de 1920, Risco lembra:

¹² c. 4, p. 41.

¹³ lb. c. 4, p. 41.

¹⁴ c. 3, pp. 38-39.

¹⁵ lb. c. 15, p. 54.

«... e pela sua gentil dedicatória a uma mocidade da que, os melhores reconhecem com entusiasmo a sua mestrança que os guia pelo caminho mesmo que levou a nossa Santa Rosalia»¹⁶.

É o próprio Vicente Risco que nos dá uma ideia da importância que se lhe dá à obra de Teixeira, o que vai ser uma constante em todos aqueles que se correspondem com o poeta de Amarante:

«É difícil também encontrar aqui livros portugueses, como que o meu *Sempre* e os meus *Poetas Lusíadas* têm viajado já um pouco a Galiza de S. a N. e de E. a W... A minha *Terra Proibida* onde ela vai!... Também perdi *A Luta pela Imortalidade* e também *A Teoria do Sacrifício* de Teixeira Rego por estar emprestado»¹⁷.

E a respeito da Galiza, diz-lhe numa carta que lhe escreve desde Castro Caldelas:

«E nós olhamos a Portugal como a verdadeira Galiza livre, onde triunfou o nosso génio e a nossa fala»¹⁸.

E numa de 25 de Abril de 1922, com motivo de celebrar-se em Portugal a gesta dos aviadores Sacadura Cabral e Gago Coutinho, diz Risco:

«Portugal ainda faz cousas... Galiza, o Portugal irredento, que faz?»¹⁹.

3.3. R. Cabanilhas numa carta de 30 de Setembro de 1920, diz também:

«Caminham para nós os dias alegres nos que portugueses e galegos nos encontraremos irmanados numa gesta gloriosa ao pé do mesmo altar. No entanto, quantos aninhamos esse sonho, vemos em você o mestre, o guia, o capitão...»²⁰.

¹⁶ Ib. c. 8, p. 45.

¹⁷ Ib. c. 11, p. 49.

¹⁸ Ib. c. 34, p. 85.

¹⁹ Ib. c. 55, p. 118.

²⁰ Ib. c. 9, p. 47.

3.4. Xavier Bóveda, depois de uma série de considerações e da importância e influxo que tem na sua obra Teixeira de Pascoaes, afirma:

«Por lo que hace al alma galaico-lusitana, yo creo también que son, realmente, una misma (...) Yo siento una admiración tan íntima por V., que últimamente, y en un poema en prosa que yo dediqué a la que hoy es mi Amada, acababa diciéndole: '*Graziela*: recuérdame en alguno de tus *fados* dulces. Yo rezaré tu nombre com versos de Teixeira de Pascoaes»²¹.

3.5. Antom Vilar Ponte, a 25 de Abril de 1921, escreve:

«Creio que popularizar o seu nome e a sua obra na Galiza é dever de todos os que andamos a nacionalizar a consciência da nossa Terra»²².

E numa carta posterior, lembra a Teixeira que, na *Atlântida* de Verdaguer, se fala de que

«o gigante luso, libertou à Galiza, nos tempos antigos» e pergunta-se se «aquele gigante poderia voltar a redimir à mesma escrava»²³.

O nacionalista galego dá via livre aos seus sentimentos:

«Os nacionalistas galegos não queremos nada de Castela. Odiamos a hegemonia castelhana. Olhamos no ermo castelhano a ara bárbara onde as nossas liberdades são sacrificadas por gentes simplistas condenadas a não saberem da paisagem, a ter as almas mortas para a vida e contudo cheias do anseio imperialista, talvez porque só à custa do alheio podem viver (...) Nós sentimos-nos mais estrangeiros em Madrid ou em Sevilha que no Porto ou Lisboa (...) Eu penso, mestre, que Portugal e a Galiza podem impor uma hegemonia na Península»²⁴.

3.6. Teixeira de Pascoaes pensa o contrário, para ele a salvação de Portugal tem de vir da Galiza. Isto diz Teixeira a Vilar Ponte e Cebreiro responde-lhe em carta de 22 de Maio de 1921:

²¹ Ib. c. 12, p. 51.

²² Ib. c. 17, p. 58.

²³ Ib. c. 17, p. 58.

²⁴ Ib. pp. 58-59.

«Li a carta que lhe escreveu a Vilar Ponte, na que diz que a Portugal salvara-o a Galiza. Os de aqui cremos o contrário. Cremos que o salvador é Portugal»²⁵.

3.7. R. Vilar Ponte, em carta do 5 de Julho de 1921, na pós-data termina com esta frase:

«Em terras da Galiza, prolongação do seu Portugal»²⁶.

Victor Casas sente-se fortemente vinculado a ele, porque

«Sendo você um dos portugueses que com maior carinho segue a nossa marcha e que deseja o mais aginha o nosso triunfo»²⁷.

João Vicente Viqueira, o grande filósofo galego e bom comentador de Leonardo Coimbra, tem claro que

«Para nós os galegos o vosso prodigioso canto português (Marânus) é o canto da nossa raça e a nossa terra»²⁸.

3.8. Noriega Varela, que sempre foi grandiloquente nas suas cartas e que sempre pôs a Teixeira pelas nuvens, ao fazer referência à *Canção Humilde*, que ele já publicara em 1919 adaptada ao seu galego em *A Nosa Terra*, diz:

«Con justísima razón se le considera a Vd. en Galicia como el más formidable poeta lusitano»²⁹.

Para Roberto Blanco Torres

«A Galiza tem para você muita admiração»³⁰.

Francisco Luís Bernárdez, que se reconhece fiel discípulo de Teixeira, emprega um símil demasiado atrevido para nos dizer o que representa para ele:

²⁵ Ib. c. 25, p. 71.

²⁶ Ib. Ib. c. 31, p. 79.

²⁷ Ib. c. 19, p. 61.

²⁸ Ib. c. 20, p. 61.

²⁹ Ib. c. 21, p. 64.

³⁰ Ib. c. 35, p. 86.

«Su 'Maranos' ha sido para mi corazón la sagrada Hostia en mi comunión de Poesía»³¹.

3.9. Álvaro Cebreiro, o artista que mais caricaturas fez de Teixeira de Pascoaes e mais fielmente o representou, sente por ele uma espécie de adoração. Às vezes copia literalmente frases do Mestre para exprimir semelhantes pensamentos. Para ele, Teixeira é um grande poeta, mas é, sobretudo, o apóstolo da redenção da Galiza, como se pode ver através das suas cartas. Escolho só dois exemplos:

«Os seus filhos da Galiza, que um dia não lonjano pousarão uma coroa de pinheiro na sua testa evangélica...»³².

«O imenso prazer que teria abraçando ao mais grande Poeta da minha Pátria (...) Eu creio que a Galiza - que triste é confesá-lo - não está o suficientemente preparada para poder receber, como o merece, o seu mais grande Poeta! Mas já veremos. Entretanto os seus irmãos da Galiza - todos os artistas e poetas - iremos tecendo uma coroa de pinho e de rosas para pendurar (o dia que venha!) da sua testa de apóstolo»³³.

3.10. Mas o que foi mais longe de todos os galegos elogiadores de Teixeira, foi aquele jovem poeta e crítico de arte, Gamalho Fierros, ao chegar a afirmar, depois de toda uma série de epítetos, o seguinte:

«Si Vd hubiese nacido sordo y ciego (con las ventanas de los sentidos cerradas al exterior) no por eso dejaría de ser un gran lírico: antes, al contrario, se insertaría mas reciamente aun en su intimidad dramática»³⁴.

4.0. Como via Teixeira a Galiza e os galegos

4.1. O carinho e amor de Teixeira de Pascoaes pela Galiza é anterior a esta etapa de correspondência com os galegos. Já muito

³¹ lb. c. 46, p. 101-102.

³² lb. c. 61, p. 130.

³³ lb. c. 67, p. 136-137.

³⁴ lb. c. 165, p. 243.

antes, em 1912, no primeiro manifesto saudosista, fala da Galiza como «um bocado de Portugal sob as patas do leão de Castela». Mas vai ser neste contacto epistolar com os galegos onde Teixeira deixará plasmado este seu amor e reconhecimento à Galiza.

4.2. Por isso, se os galegos são pródigos ensalçando Teixeira de Pascoaes, este não fica atrás. Em toda a sua vida se sentiu galego e considerou Galiza como a sua Pátria verdadeira e dela esperava a redenção de Portugal. Por isso confessa numa carta a Noriega Varela:

«Eu estou infinitamente grato à Galiza, terra Mater. É a minha terra, a terra da minha alma. Tudo o que lhe digo nesta carta é a pura expressão da minha sinceridade»³⁵.

4.3. Em carta de Junho de 1921, diz a Cebreiro:

«Aqui estou em Amarante, que também é Galiza»³⁶.

Em carta de Junho de 1921, dirigida a Álvaro Cebreiro diz:

«A nova geração, que há-de servir a sua Pátria, tem figuras do mais alto valor! A sua amizade por mim é a maior glória a que eu podia aspirar neste mundo!»

4.5. E no canto à *Rosalia de Castro* exclama:

«Divina Rosalia. Ó Santa protetora
Da terra da Galiza, a nossa terra Mãe!»

E no poema ao seu amigo Cebreiro:

«Em ti saúdo a mística beleza
da terra mãe da terra portuguesa»

4.6. É pena não contar ainda com as cartas que escrevia Teixeira de Pascoaes a todos os que se dirigiam a ele, e que são muitas: faltam todas as de Vicente Risco, uma pelo menos a

³⁵ Ib. c. 22, p. 68.

³⁶ Ib. c. 26, p. 72.

Cabrilhas, as de Xavier Bóveda, as dos irmãos Antom e Ramom Vilar Ponte, alguma a Noriega Varela, as de Francisco Luís Bernárdez, uma de Gamalho Fierros, as de Álvaro de las Casas, Ramom Martínez López, etc. As de Vicente Risco tentei-o várias vezes e, de momento, ainda não me permitiram consultá-las, sob o pretexto de que estão a catalogar o seu legado. Seguro que aí ainda se escondem muitas surpresas.

4.7. Teixeira de Pascoaes teve muito interesse durante toda a sua vida em visitar a Galiza. Galiza é para ele um santuário onde tem que ir em peregrinação, coisa que nunca levou a cabo, apesar de o ter programado várias vezes. Primeiro, visitava Noriega, a Trasalva:

«- 'Vamos vê-los na Primavera (diz-lhe Maria da Glória a Teixeira) e traze-los connosco até estas terras de Amarante', palavras dela que são minhas igualmente»³⁷.

4.8. Em carta a Cebreiro, de 27 de Maio de 1923, Teixeira diz-lhe textualmente:

«A Galiza é a minha Pátria verdadeira, porque só nela encontro almas irmãs da minha! Um dia, hei de ir a essa Terra Santa em piedosa romagem, hei ver e abraçar os meus irmãos»³⁸.

Em carta de 20 de Maio de 1924, diz Teixeira a Álvaro Cebreiro:

«Um meu patricio e amigo que tem automóvel deseja conhecer a Galiza e convidou-me para o acompanhar. Aceitei, ansioso e desejoso de conhecer essa Terra Mãter e as Almas que tanto a elevam nos tempos de hoje, - entre as quais a sua Alma»³⁹.

Cebreiro responde quase com as mesmas palavras, a 11 de Maio de 1926:

³⁷ Ib. c. 44 (de 9-II-922), p. 98.

³⁸ Ib. c. 64, p. 133.

«Portugal é a minha pátria verdadeira. Um dia hei-de ir a Portugal em romagem piadosa»⁴⁰. Anos depois Teixeira escreve o seguinte a Cebreiro: «Penso muitas vezes na sua pessoa e na *sua e minha* Pátria Galega. Talvez lhe faça uma visita, muito brevemente»⁴¹.

4.9. E isto está a dizê-lo em cartas suas desde 1921 e ainda em 1931. Mas nunca visitou Galiza. Cebreiro manifestou infinidade de vezes o seu desejo enorme de visitar Amarante, para poder abraçar a Teixeira. E nunca o fez. É estranho que estas duas pessoas que tanto e tanto se queriam nunca se vissem pessoalmente. Cebreiro, no entanto, viajou a Paris, onde esteve um ano e uns meses. Mas nunca esteve em Madrid. O amor entre ambos foi tão forte que, através das cartas, se vê que se copiam as mesmas palavras e as mesmas frases falando um do outro ou Teixeira da Galiza e Cebreiro de Portugal.

4.10. Na Galiza, estiveram sempre à espera de Teixeira que fora convidado pela Irmandade da Fala, pela Real Academia Galega, a título individual. Cebreiro queria que fosse como o redentor da Galiza e outros como o poeta da Raça. Talvez o medo ao «barulho» que podia despertar a sua ida a Galiza e mesmo as diversas maneiras que havia de conceber a poesia por uns e por outros fosse a causa de que ele não se atrevesse a dar o passo.

4.11. O primeiro que pisou terreno amarantino foi Vicente Risco e ele foi o embaixador de Teixeira para a Galiza e para todos os galegos. Inclusive chegou a ser nomeado representante da Galiza em Portugal para toda a problemática galeguista. E ainda foi mais vezes. Pelo menos, que eu saiba, foram três as viagens de Risco a Amarante. Depois foi Noriega Varela por meio de Risco e seguiram

³⁹ Ib. c. 96, p. 168.

⁴⁰ Ib. c. 127, p. 200.

⁴¹ Ib. 145 (3-6-931), p. 219.

Eugénio Montes, Aquilino Iglesia Alvarinho, Castelão, Ramon Martínez López, Álvaro de las Casas, Francisco Luís Bernárdez...

4.12. A correspondência com os galegos até ao começo da Guerra de 36 foi bastante regular. Houve momentos na Ditadura de Primo de Rivera em que não foi tão frequente, mesmo quando em Portugal se mudou de regime. De resto, há cartas de galegos a ele dirigidas, mesmo até ao ano da sua morte.

4.13. Podemos afirmar, sem lugar a dúvidas, que Teixeira foi o motor e o eixo do movimento cultural galego da década dos anos vinte. E podemos dizer também que o nacionalismo galego cobrou forças e vitalidade ao estarem em contacto os intelectuais galegos com este homem que foi um grande poeta, um homem de uma grande sensibilidade e um homem que amou profundamente a Galiza. Os membros da geração *Nós* escreviam e falavam castelhano até ao momento em que entraram em contacto com ele. O primeiro, Vicente Risco, criador e director da revista *La Centuria VI*, 1917-VII-1918 e depois da *Nós*, de 1920, já em galego. E também devemos a Teixeira de Pascoaes, de uma maneira indirecta, que na Galiza se suscitassem os problemas de escrever o galego como se escrevia o português, o que ia ser uma realidade, se não houvesse surgido a Guerra de 36.

ANEXO⁴²

Poemas de Teixeira de Pascoaes relativos à Galiza (ou aí publicados)

⁴² Este anexo é cópia do Apêndice que aparece nas pp. 263-274 do livro conjunto de Eloísa Álvarez e Isaac Alonso Estraviz, *Os Intelectuais Galegos e Teixeira de Pascoaes. Epistolário*, Ed. do Castro, Sada (Corunha), 1999.

Incluo neste Anexo aqueles poemas de Teixeira de Pascoaes que mais influxo produziram nos intelectuais galegos. É de salientar o cuidado que punha Teixeira em cada nova edição de *Marânus*, pois a dedicatória varia de uma para outra. Há depois outras aos vultos mais destacados para ele no mundo galego. Para que o trabalho não fique incompleto, incluo também aqueles poemas que, ainda que não tenham uma dedicatória especial, foram publicados em revistas que se editavam nesta Terra. Assim temos como uma espécie de Antologia ou Florilégio dos poemas mais directamente relacionados com nós. Respeita-se a ortografia dos mesmos. Só se corrigem alguns erros tipográficos muito evidentes.

À GALIZA

Galiza, terra irmã de Portugal
Que o mesmo Oceano abraça longamente;
Berço de brancas névoas refulgindo
O espírito do sol amanhecendo;
Altar de Rosalia e de Pondal
Iluminado a lágrimas acesas,
Entre pinhais, aos zéfiros, carpindo
Mágoas da terra e místicas tristezas;
A ti dedico o livro que uma vez,
Embriagado de sombra e solidão,
Compus sobre os fragedos do Marão:
Este livro saudoso e montanhês.

(Dedicatória do livro «*Marânus*», 1920)

À GALIZA

Ó santa Rosalia da Saudade,
Do Infinito e do Berço em que nasceste,
Cantora da perfeita suavidade,
Da inefável ternura que é celeste;
Intérprete da nova Divindade
Que tu, Galiza Mater, concebeste,
Teu cântico imortal e redentor
É nossa eterna glória e eterno amor!
(NÓS, nº 18, Maio 1923, p. 22)

- O -

Galiza, terra irmã de Portugal,
Que a divina Saudade transfigura,
A tua alma é rosa matinal,
Onde uma lágrima de Deus fulgura.
Terra da nossa infância virginal,
Altar de Rosalia e da Ternura,
Dedico-te estes versos, que, uma vez,
Compus, em alto cerro montanhês.
(Oferta de Marânus, 1930, 3ª edição)

FALA DO SOL

Aos jovens poetas galegos

Num lar azul sem fim
Sou velho tronco a arder.
Há florestas de mãos voltadas para mim,
Velhinhas, a tremer...
Os cegos andrajosos
Gritam por mim nas trevas. Querem luz!
Gritam por mim as árvores desfolhadas,
Os roxos corpos nus,
As fontes congeladas
E os ventos invernosos...
Gritam por mim, à noite, a voz dos mundos
E os poetas moribundos...
As lágrimas da chuva,
As lágrimas do órfão e da viúva,
As lágrimas dos trágicos vencidos,
As lágrimas dos mortos esquecidos,
Pelas noites de outono, errando ao luar,
Vendo-me, em alvas nuvens se evaporam;
Nuvens que eu bebo, a rir, pelos que choram,
Erguendo a Deus meu cálix de amargura,
Meu cálix de oiro aceso, a trasbordar,
Cheio de toda a humana desventura...
Amarante, 1920
(NÓS, nº 1, 30 Outubro 1920, p. 3)

CANÇÃO D'UMA SOMBRA

Ai, se não fosse a nevoa da manhã
E a velhinha janela onde me vou
Debruçar para ouvir a voz das cousas,
 Eu não era o que sou.
Se não fosse esta fonte que chorava
E como nós, cantava e que secou...
E este sol que eu comungo, de joelhos,
 Eu não era o que sou.
Ai, se não fosse este luar que chama
Os espectros à Vida e se infiltrou
Como fluido magico, em meu ser,
 Eu não era o que sou.
E se a estrela da tarde não brilhasse;
E se não fosse o vento que embalou
Meu coração e as nuvens nos seus braços,
 Eu não era o que sou.
Ai, se não fosse a noite misteriosa
Que meus olhos de sombras povoou
E de vozes sombrias meus ouvidos,
 Eu não era o que sou.
Sem esta terra funda e fundo rio
Que ergue as azas e sobe em claro vôo;
Sem estes ermos montes e arvoredos
 Eu não era o que sou.

Teixeira de Pascoaes - (Publicada em A Nosa Terra, nº 143, 1 Julho 1921,
p. 4)

DE MIM

*Aos grandes poetas da Galiza
Cabanillas e Varela*

Sou um triste castelo ao pé dum mar brumoso.
Eternamente a ouvir histórias de naufrágios
À voz do vento negra de presságios...
 Sou velha cruz em ermo penhascoso,
 Onde as aves da noite vão cantar
 Embragadas de sombra e de luar...
Sou lívido pinheiro
Fantástico, a rezar na encosta dum outeiro,
Quando os vales soturnos escurecem

E as nuvens, como sonhos esquecidos,
No céu empalidecem...
E em religiosos lábios doloridos
As boas tardes choram...
E pérolas de luz tremendo afloram
N'aquele etéreo manto de veludo,
Manto da Virgem Mãe de Deus cobrindo tudo..
Vivo da negra morte alegremente
Que ante mim se alevanta imensa de ternura,
Como de encontro às bandas do Oriente
Ergue o Marão a trágica estatura...
Vivo da negra morte que me empece
Na lua que detrás dos montes aparece;
No soturno perfil, à noite, dos penedos,
Na brisa a semear murmúrios e segredos...
Na aurora desmaiada,
Esse cadáver branco de afogada,
Boiando à flor de nuvens cheias de água,
Com um lírio nas mãos desfeito em cinza e mágoa...
Em tudo o que me cerca de tristeza
E em meus olhos acende espiritual beleza:
Fantasma de anjo a voar, branca visão celeste.
Prateando, ao de leve, a rama do cipreste...
Uma sombra caída aos pés da cruz...
A morte já distante da agonia,
Extática, vestida em macerada luz,
Toda sonho, luar, melancolia.
(NÓS, nº 14, 1922, p. 8)

UM DIÁLOGO

(O amor:)
N'esta noite, quem bate à minha porta?
(A alma:)
Uma velha mendiga quasi morta.
Venho da escuridão da Natureza.
No meu saco de pobre, eu trago só tristeza.
-
Nem sei há quantos séculos errante
Como sombra que a luz faz trémula e hesitante,
Ando de corpo em corpo...
O mármore beijei,

O mármore glacial e lívido animei...
O mármore deslumbrado, em mística ternura
Fundiu-se como ao sol se funde a neve pura!
E ei-lo sagrada flor,
Turíbulo que exala aroma, vida e cor.

-
Sou a água que forma as ondas da Harmonia
E o fumo que sae d'um grande incêndio, o dia!
E aquele sonho de amplidão
Que cinge n'uma curva indefinida,
Indefinidamente distendida,
Os relevos sem fim da Creação...

-
Fui nuvem; fui mulher;
Phantasma divagando a luz do anoitecer...
Scismeí, no outono, à sombra d'um cipreste,
Certa noite, parti nas azas do *nordeste*;
Nos desertos da Lua errei, banhada em pranto.
Em mim, perdida e morta de quebranto,
Percorri toda a estrada de luar,
Por onde vão da terra as almas a cantar...

-
Reverdeci nas árvores maternas;
Brilhei na essência pura dos cristaes,
Liquida intimidade aceza de esplendores,
Onde se banham, rindo, as sete cores...
Vi o céu pelos olhos das campinas,
Cobertos de boninas,
Pelos olhos das cérulas espumas,
Pelos olhos somnâmbulos das brumas...
No silencio espectral, sou um murmúrio de alma,
Um ímpeto de dor na imensidade calma!
A terra, em mim, é grande soffrimento.
É um eterno suspiro, em mim o doido vento!
Em mim a branca névoa é fria mágoa
Em mim, se converteu em lágrimas a água...
E o som na voz que chora...
E em mim, a luz da aurora
É aquele negro olhar sinistro e mudo
Que vim (ai d'ele!) a morte e a sombra va de tudo!
(O amor:)

Vejo que vens de longe... Os teus vestidos
 Trazem poeiras de astro acendidos;
 E molhados de luz, escorrem gotas de ouro;
 Estrelas que te queimam, ígneo choro...
 O teu perfil chimérico e nevoento
 Parece aquele Deus que se entrevê no vento;
 Génio velado em névoa transcendente
 Que se avista n'um rio, ao sol nascente...
 A Divindade oculta que deslumbra
 Sacro bosque onde cáe a chuva da penumbra...
 O Christo macerado e ensanguentado,
 Na glória da ascensão transfigurado!

-
 Alma, sombra de Deus, longe de Deus,
 Sozinha, a percorrer mundos, estrelas, céus,
 Errando á triste sorte
 De corpo em corpo, isto é, de morte em morte...
 Alma perdida e dolorida,
 Vem a mim. Sou o amor que te dá vida...

TEIXEIRA DE PASCOAES, Amarante, (Publicada na revista ALFAR, nº 30, Junho
 1923, p. 309)

CANÇÃO MOLHADA

Gotas de som molhado
 Caem lá fora,
 N'um ruído triste...
 É o silencio gelado
 Da noite que chora
 Sobre tudo o que existe.
 E a minha mágoa
 N'aquelas gotas de água
 Parece encarnar.
 Vago na sombra escura...
 Sou morte sem sepultura
 E sou nuvem a chorar.

Teixeira de Pascoaes, (Publicada em RONSEL, nº 1, Maio 1924, p. 4)

O SOL E A CANDEIA

Luz do sol, fogo virgem, puro amor!

Luz de candeia e luz de dor.
Filha do sacrifício e da amargura,
É baça e triste quam escura.

A luz do sol é forte e apaixonada,
Canto de rosa enamorada,
Harmonia de beijo fecundante,
Música alegre e delirante!

Luz de candeia, pálida e suave,
Como á tardinha um canto de ave,
Na choupana do pobre, solitária
É luz sombria e mortuária...

Teixeira de Pascoaes, Amarante, 1924, (Publicada em RONSEL, nº 3, Julho
1924, p. 6)

A ROSALIA DE CASTRO

Divina Rosalia. Ó santa protetora
Da terra da Galiza, a nossa terra Mãe!
Onde derrama um oiro triste a luz da aurora,
Onde a névoa do mar descorre e encobre o Além,
Onde há almas de Deus, no mundo prisioneiras,
Onde há rezas e sol, à noite, nas lareiras...

Divina Rosalia. ¡Ó virgem da tristeza!
Coração de mulher que abrange a Natureza
E num canto imortal a converteu.
Coração de mulher aberto à luz do céu
Cas lágrimas sem fim dos desgraçados,
Saturna multidão de pobres emigrados...

Divina Rosalia.

Senhora da Saudade e da Melancolia...

Alma de Deus despida, exposta à chuva e ao vento.

Alma, só alma, num deslumbramento.

Alma, só alma, a errar na solidão.

Alma, só alma, eterna aparição.

Aparição da dor, aparição do amor.

Alma, só alma, apenas alma em flor.

(Convento dos poetas, set. 1924)

ORAÇÃO

Feliz a creatura que renasce,

Apagando os vestígios tenebrosos
Do seu primeiro e triste nascimento.
Feliz a creatura
Que o sempiterno espírito invocando,
- Fogo do céu que abraça,
Renasce de si mesma e se liberta
Da noite em que divagam
Mitológicos monstros, brutas feras.
Porque o espírito é a alma da esperança,
Clareza de Deus que se condensa
Em lágrimas e estrelas.

Feliz a creatura enamorada
Da virgem Primavera que entre as nuvens
Negras que dissipam
É radiante aparição de luz,
Afugentando os medos e os fantasmas.
Homens, a todo o instante, cultivae
A divina ambição de renascer!
Ao vosso corpo antigo e criminoso
Imponde as formas vivas
Da sagrada esperança que em vós arde,
Como íntima estrela matutina.

Ó meus irmãos, fugi
Ao encanto nocturno da Lembrança,
Porque a sua presença
Nos mata e petrifica
Na noite do Passado, negro Tártaro,
Onde marmóreas cruces se alevantam,
Como negras estatuas de Demónios...
E abrem os negros braços, n'um desejo
De esmagar contra os seios congelados
O sol que traz consigo um novo dia.
Amae, amae a esperança, a luz de Deus!
Que ela vos arrebate em seu etéreo
Deslumbramento alado e creador!
Que o vosso ser antigo se renove
E se torne mais belo e mais perfeito
E viva n'essa Luz eternamente.

Teixeira de Pascoaes, (Convento dos Poetas, set. 1924)

OITAVA (a Cebreiro)

Meu Álvaro Cebreiro da Galiza,
Intérprete da vida que murmura
Nas árvores, nos montes e na brisa,
E da alma divina que fulgura
Através desta máscara indecisa
Que é nossa humana e trágica figura,
Em ti saúdo a mística beleza
Da terra mãe da terra portuguesa.

(Publicada em ALFAR, vol. IV, nº 57, Outubro 1925, p. 393)

LUZ FINAL

A Afonso Castelao.

A Álvaro Cebreiro.

*Aos grandes e queridos artistas,
com o mais antigo e fraternal abraço.*

O Outono principia

A escurecer-me a vida, emudecendo

Aquela voz da minha inspiração...

Uma estrelinha de oiro bruxuleia

Nos longes do meu ser;

Estrela de alva foi na minha infância

E agora é luz de círio a desdobrar-se

Em lívidas penumbras...

A noite cresce em mim, negro silêncio

Fruto de vozes mortas...

Amarante, 1925